

TRAÇOS PSICOPÁTICOS E PERTURBAÇÃO DO COMPORTAMENTO EM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS

Pedro Pechorro¹ (ppechorro@gmail.com), Carlos Poiães¹, João Marôco², Rui Xavier Vieira³

1- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Lisboa, Portugal; 2- ISPA – Instituto Universitário (ISPA-IU), Lisboa, Portugal; 3- Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL), Lisboa, Portugal

RESUMO- O objetivo deste estudo consistiu em comparar adolescentes institucionalizados em Centro Educativo relativamente a traços psicopáticos, perturbação do comportamento e frequência e gravidade de comportamentos delituosos. Com uma amostra forense total de 310 participantes, subdividida em grupo masculino ($n = 217$) e grupo feminino ($n = 93$), encontraram-se diferenças estatisticamente significativas relativamente à dimensão de traços calosos/não-emocionais (APSD-SR), à frequência de comportamentos delituosos (ASRDS) e à gravidade dos crimes cometidos (ICS). Não foram encontradas diferenças relativamente à prevalência de Perturbação do Comportamento, apesar de ser bastante alta em ambos os grupos, nem a nível de desejabilidade social (MCSDS-SF). As raparigas demonstram claramente possuir menores níveis de traços calosos/não-emocionais, menor frequência de comportamentos delituosos e menor gravidade de crimes cometidos.

Palavras-chave- Traços psicopáticos; Perturbação do Comportamento; Género; Delinquência juvenil

PSYCHOPATHIC TRAITS AND CONDUCT DISORDER IN INSTITUTIONALIZED ADOLESCENTS

ABSTRACT- The aim of the present study was to compare institutionalized male and female juvenile offenders regarding psychopathic traits, conduct disorder prevalence, and delinquent behaviors. With a total forensic sample of 310 participants subdivided in a male group ($n = 217$) and a female group ($n = 93$) statistically significant differences were found between the groups regarding the Antisocial Process Screening Device self-report (APSD-SR) callous-unemotional dimension, the Adapted Self-reported Delinquency Scale (ASRDS), and the Index of Crime Severity (ICS). Conduct disorder prevalence was very high in both genders, but no statistically significant sex differences were found. Institutionalized female juvenile offenders clearly show less callous-unemotional traits, and lower frequency and severity of delinquent behaviors.

Key words- Psychopathic traits; Conduct Disorder; Gender; Juvenile delinquency

Recebido em 26 de Janeiro de 2012/ Aceite em 10 de Novembro de 2012

Apesar de muitos jovens se envolverem esporadicamente em atos transgressivos e criminais, apenas uma pequena minoria comete criminalidade grave e violenta de forma persistente. Todavia, esta pequena minoria é responsável por uma maioria dos crimes cometidos por jovens (e.g., Loeber & Farrington, 2001; Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention, 1995), o que faz aumentar substancialmente a importância de se

proceder à sua investigação (Pechorro et al., 2012). Até recentemente, o estudo da psicopatia em crianças, adolescentes e mulheres era tema praticamente ignorado por psicólogos e psiquiatras (Verona & Vitale, 2006). Todavia, os investigadores que trabalham na área têm vindo a modificar o constructo da psicopatia em homens adultos de forma a adaptá-lo e a desenvolver instrumentos de avaliação apropriados a outras populações. Todavia, a adaptação do constructo da psicopatia a menores de idade permanece bastante controversa (Seagrave & Grisso, 2002).

A investigação efetuada sobre a presença relativa de psicopatia e das dimensões que a constituem em rapazes e raparigas não tem proporcionado resultados consistentes dado que alguns investigadores defendem a presença de tendências psicopáticas mais elevadas em rapazes do que em raparigas enquanto outros investigadores defendem exatamente o oposto. Além disso alguns estudos reportam diferenças apenas em certas dimensões da psicopatia enquanto outros não detetam qualquer diferença (Verona, Sadeh, & Javdani, 2010). De seguida iremos rever alguns desses estudos.

Frick, O'Brien, Wootton e McBurnett (1994) numa amostra clínica de 95 crianças e pré-adolescentes não encontraram diferenças entre rapazes e raparigas relativamente à dimensão Traços calosos/não-emocionais (CU; também designada por insensibilidade emocional), mas encontraram evidências de que os rapazes pontuavam significativamente mais alto na dimensão mista Impulsividade-Perturbação do comportamento (I-CP). As pontuações derivadas da dimensão CU estavam apenas moderadamente associadas com medidas de perturbação de comportamento e demonstravam um padrão diferente de associações em vários critérios associados com psicopatia (e.g., busca de sensações) ou comportamento antissocial infantil (e.g., inteligência baixa).

Frick, Bodin e Barry (2000) examinaram a estrutura das tendências psicopáticas numa amostra normativa ($n = 1136$) e numa amostra clínica ($n = 160$) de crianças. Concluíram que os rapazes pontuavam mais alto nos traços calosos/não-emocionais e em narcisismo. Tanto a dimensão de narcisismo como a dimensão de impulsividade estavam altamente correlacionadas com sintomas Perturbação do Comportamento, Perturbação de Oposição e de Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção. A dimensão de traços calosos/não-emocionais estava apenas fracamente correlacionada com estes sintomas depois de se controlar as outras dimensões de psicopatia.

Pardini, Lochman e Frick (2003) procuraram clarificar a natureza das dimensões de traços calosos/não-emocionais e de impulsividade/perturbação de comportamento, analisando também a sua relação com problemas sociocognitivos em adolescentes institucionalizados. Estes autores evidenciaram que as raparigas pontuavam mais alto em impulsividade/perturbação de comportamento mas não em traços calosos/não-emocionais. Os resultados demonstraram que os traços calosos/não-emocionais estavam associados com menor mal-estar emocional e com um padrão específico de processamento de informação social.

Campbell, Porter e Santor (2004) avaliaram os correlatos clínicos, psicossociais e criminais das tendências psicopáticas numa amostra de 226 delinquentes juvenis de ambos os sexos institucionalizados em centros de detenção juvenil. Não foram encontradas diferenças significativas entre rapazes e raparigas relativamente às pontuações na *Psychopathy Checklist: Youth Version* (PCL:YV). Apenas 9,4% dos participantes demonstraram ter níveis

altos de traços psicopáticos ($PCL:YV \geq 25$), sendo que esses níveis altos estavam positivamente associados com delinquência auto-relatada e com comportamento agressivo mas não com dificuldades emocionais.

Salekin, Leistico, Trobst, Schrum e Lochman (2005) examinaram a validade de constructo da psicopatia numa amostra de 114 delinquentes juvenis de ambos os sexos. As medidas de psicopatia incluíram o *Antisocial Process Screening Device* (APSD), a *Child Psychopathy Scale* (CPS) e a *Psychopathy Checklist: Youth Version* (PCL:YV). Os resultados demonstraram uma substancial convergência entre as três medidas. Duas das escalas tiveram uma correlação mais alta do que o esperado com neuroticismo, o que sugere que a preocupação e a ansiedade podem acompanhar as tendências psicopáticas no início do seu desenvolvimento. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas relativamente às pontuações em psicopatia.

Dadds, Fraser, Frost e Hawes (2005) avaliaram a validade psicométrica e preditiva dos traços calosos/não-emocionais como precursores de perturbação de comportamento numa amostra normativa de crianças (amplitude etária dos 4 aos 9 anos). Estes traços demonstraram melhorar de forma pequena mas significativa a predição a 12 meses do comportamento antissocial em ambos os sexos. Os rapazes pontuaram mais alto que as raparigas na pontuação total do APSD.

Marsee, Silverthorn e Frick (2005) investigaram a associação das tendências psicopáticas com a agressão e a delinquência numa amostra de rapazes ($n = 86$) e de raparigas ($n = 114$) não referenciados. Não foram encontradas diferenças claras na associação dos traços calosos/não-emocionais, narcisismo e impulsividade com agressão e delinquência. Os rapazes pontuaram mais alto em psicopatia no APSD que as raparigas.

Schrum e Salekin (2006) examinaram a aplicabilidade dos itens da PCL:YV numa amostra de adolescentes institucionalizadas do sexo feminino utilizando a Teoria de Resposta aos Itens (IRT). Apesar da investigação prévia ter evidenciado que as características afetivas eram as que forneciam informação mais relevante, neste estudo foram as características interpessoais da psicopatia que assumiram especial relevo. Adicionalmente, os rapazes pontuaram mais alto que as raparigas na PCL:YV.

Penney e Moretti (2007) examinaram a validade concorrente entre as características da psicopatia medidas pela estrutura tridimensional da PCL:YV e os comportamentos antissociais e agressivos numa amostra de 142 jovens em risco de ambos os sexos. As análises de regressão demonstraram que as relações entre as tendências psicopáticas e os resultados eram equivalentes para rapazes e raparigas, além de que os défices afetivos estavam mais consistentemente relacionados com agressão. Os rapazes pontuaram mais alto nos fatores 1 e 2 da PCL:YV, mas não no fator 3.

Rucevic (2010) investigou a associação entre tendências psicopáticas e delinquência violenta e não-violenta, versatilidade criminal e comportamento sexual de risco numa amostra de rapazes ($n = 226$) e raparigas ($n = 480$) croatas não-referenciados recorrendo ao *Youth Psychopathic Traits Inventory* (YPI). Os rapazes pontuaram mais alto nas dimensões de grandiosidade-manipulação e traços calosos/não-emocionais, mas não foram encontradas diferenças relativamente à dimensão impulsividade-irresponsabilidade. A impulsividade-irresponsabilidade tinha uma associação mais forte com delinquência não-violenta e

versatilidade criminal nos rapazes, enquanto nas raparigas tinha uma associação mais forte com comportamento sexual de risco.

Verona et al. (2010) fizeram uma revisão de literatura dos estudos comparativos da prevalência de traços psicopáticos em jovens, tendo concluído que existem evidências mistas. Estas autoras sugerem as pontuações mais altas em tendências psicopáticas nos rapazes surgem em estudos que recorrem a crianças e a pré-adolescentes (idade abaixo dos 13 anos) provenientes de amostras clínicas ou normativas. Sugerem também que as diferenças entre os sexos aparentam diminuir nos estudos com adolescentes institucionalizados, argumentando que tal implica manifestações potencialmente mais graves de psicopatia nas raparigas institucionalizadas que nos rapazes. As autoras consideram que tal é interessante dado que a investigação prévia indica que as mulheres adultas exibem menos tendências psicopáticas que os homens adultos mesmo quando se trata de sujeitos presos, enfatizando assim a necessidade de mais investigação nesta área.

As diferenças entre os sexos relativamente às tendências psicopáticas são uma importante área de estudo que carece de mais investigação, especialmente em Portugal e nos restantes países europeus. A presente investigação pretende comparar diferenças na prevalência de traços psicopáticos em adolescentes de ambos os sexos institucionalizados em Centro Educativo, e também examinar possíveis diferenças a nível de perturbação do comportamento, de comportamentos delituosos e de gravidade de crimes cometidos.

MÉTODO

Participantes

Uma amostra total de 310 participantes, subdividida em amostra masculina ($n = 217$; $M = 15,85$ anos; $DP = 1,30$; amplitude = 13-20 anos) e em amostra feminina ($n = 93$; $M = 15,78$ anos; $DP = 1,29$; amplitude = 13-18 anos) foi recrutada entre jovens institucionalizados em seis Centros Educativos geridos pela Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) do Ministério da Justiça.

Não foram encontradas diferenças significativas entre rapazes e raparigas relativamente à idade, grupo étnico, e estado civil dos pais, mas as raparigas haviam completado com sucesso mais anos de escolaridade ($t(308) = 5,12$; $p \leq 0,001$) e os seus pais tinham um nível socioeconómico mais alto ($U = 5787,50$; $p \leq 0,01$). Os rapazes revelaram terem iniciado a atividade criminal mais precocemente na vida que as raparigas ($t(232,44) = 5,59$; $p \leq 0,001$) e terem tido o primeiro problema com a lei mais cedo na vida ($t(224,15) = 2,84$; $p \leq 0,001$), mas não se encontraram diferenças estatisticamente significativas quanto à idade da primeira institucionalização em Centro Educativo.

Material

O Dispositivo de Despiste de Processo Antissocial versão de auto-resposta (*Antisocial Process Screening Device* – APSD-SR; Caputo, Frick & Brosky, 1999; Frick & Hare, 2001; Pechorro, Marôco, Poiares, & Vieira, 2013) é uma medida psicométrica multidimensional de 20 itens projetada para avaliar traços psicopáticos em jovens. Originalmente chamado *Psychopathy Screening Device* (PSD), foi modelado a partir da *Psychopathy Checklist - Revised* (PCL-R; Hare, 2003). Cada item é cotado numa escala ordinal de 3 pontos (Nunca =

0, Algumas vezes = 1, Frequentemente = 2), sendo que pontuações mais altas significam a elevação da presença dos traços em questão. A pontuação total e as pontuações de cada dimensão são obtidas somando os respetivos itens. Alguns estudos (e.g., Frick et al., 1994) evidenciam a existência de dois fatores: traços calosos/não-emocionais (CU; que explora dimensões interpessoais e afetivas da psicopatia como a falta de culpa e a ausência de empatia) e impulsividade-problemas de comportamento (I-CP; que explora aspetos comportamentais a nível de problemas de comportamento e controlo de impulsos). Pontuações mais elevadas indicam a presença das características associadas a cada fator. A consistência interna por alfa de Cronbach obtida no presente estudo foi: APSD total = 0,74; CU= 0,53; I-CP = 0,78.

A Escala de Delinquência Auto-reportada Adaptada (*Adapted Self-reported Delinquency Scale – ASRDS*; Carroll, Durkin, Houghton & Hattie, 1996; Pechorro, 2011), na versão portuguesa, é uma medida de auto-resposta adaptada constituída por 35 itens que mede o envolvimento dos adolescentes em atividades ilegais e antissociais. A ASRDS no presente estudo foi cotada somando os itens ordinais de 3 pontos (Nunca = 0, Algumas vezes = 1, Frequentemente = 2), embora seja possível utilizar versões com itens ordinais de 5 a 7 pontos. Pontuações mais altas indicam maior frequência de envolvimento em atividade criminal. As pontuações obtidas nesta escala podem ser utilizadas como um índice de atividade criminal, inclusive para obtenção de valores de incidência e de prevalência. A consistência interna por alfa de Cronbach obtida no presente estudo foi de 0,92.

A Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne na versão curta compósita (*Marlowe-Crowne Social Desirability Scale Short Form– MCSDS-SF*; Ballard, 1992; Pechorro, Vieira, Poiares, & Marôco, 2012) foi concebida a partir da escala original de Marlowe-Crowne (Crowne & Marlowe, 1960), tendo ficado conhecida como subescala compósita e sendo a mais utilizada atualmente de todas as subescalas derivadas da escala original. Pontuações mais elevadas nesta escala refletem a tendência de dar respostas socialmente mais desejáveis. A consistência interna por Kuder-Richardson obtida no presente estudo foi de 0,55.

A gravidade dos crimes cometidos, constantes do processo judicial de cada participante, foi classificada através de uma versão modificada do Índice de Gravidade de Crimes (*Index of Crime Severity – ICS*; Figlio, Tracey, & Singer, cit. White, Moffitt, Caspi, Jeglum-Bartusch, Needles, & Stouthamer-Loeber, 1994). No ICS o nível 0 consistiu em nenhuma delinquência; o nível 1 consistiu em delinquência menor cometida no seu agregado familiar (e.g., roubar pequenas quantidades de dinheiro em casa); o nível 2 consistiu em delinquência menor fora de casa incluindo roubar algo de valor inferior a 5 euros, vandalismo e pequena fraude (e.g., não pagar o bilhete de autocarro); o nível 3 consistiu em delinquência moderada a grave como roubar algo de valor superior a 5 euros, envolvimento em gangues, porte de armas e apropriação de carro para divertimento (*joyriding*); o nível 4 consistiu em delinquência grave tal como roubo de carro e arrombamento e invasão de domicílio; o nível 5 consistiu em ter praticado pelo menos dois dos comportamentos descritos no nível anterior ou ter praticado crimes violentos contra pessoas (e.g., violação, homicídio).

Utilizou-se também o diagnóstico de Perturbação do Comportamento do DSM-IV-TR (American Psychiatric Association, 2000). Adicionalmente foi construído um questionário

sociodemográfico e criminal para descrever as características da amostra utilizada (e.g., idade de início da atividade criminal) e analisar o efeito moderador dessas variáveis.

Procedimentos

A recolha dos questionários decorreu individualmente após se ter obtido autorização por parte da Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), Ministério da Justiça. Foram feitas aplicações em todos os Centros Educativos existentes a nível nacional na altura. Os jovens foram informados que a participação era voluntária e confidencial. Nem todos os jovens concordaram ou puderam participar, sendo que a não participação incluiu motivos como recusa em participar, impossibilidade de participar devido a não entendimento da língua portuguesa e impossibilidade de participar devido a questões de segurança. A taxa de participação foi de cerca de 90%. Todos os questionários recolhidos foram considerados válidos.

Os dados relativos aos questionários considerados válidos foram inseridos e tratados em SPSS Statistics v20 (IBM SPSS, 2011). Após a inserção dos dados ter sido feita foram aleatoriamente seleccionados 10% dos questionários inseridos, de forma a avaliar a qualidade de inserção dos mesmos. A qualidade foi considerada muito boa dado que praticamente não foram detetados erros de inserção.

Relativamente às comparações entre grupos utilizaram-se técnicas paramétricas quando se estava perante uma distribuição normal (assimetria e curtose entre -2 e 2) com ou sem homogeneidade de variâncias. Quando não havia distribuição normal ou os dados tinham natureza ordinal optou-se pelas técnicas não paramétricas, nomeadamente o teste *U* de Mann-Whitney (Marôco, 2011). Quanto às associações entre variáveis foram efetuadas correlações de Pearson e correlações bisseriais por ponto. Relativamente às comparações entre grupos, as dimensões de efeito e a potência de teste obtidas foram respetivamente as seguintes: APSD-SR Total (dimensão de efeito $\eta_p^2 = 0,01$; potência = 0,49); APSD-SR I-CP ($\eta_p^2 = 0$; potência = 0,06); APSD-SR CU ($\eta_p^2 = 0,05$; potência = 0,99); ASRDS ($\eta_p^2 = 0,08$; potência = 1); MCSDS-SF ($\eta_p^2 = 0,01$; potência = 0,23); ICS ($\eta_p^2 = 0,07$; potência = 0,95).

RESULTADOS

Relativamente ao APSD-SR e suas dimensões foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os rapazes e as raparigas (ver Quadro 1) apenas na dimensão Traços calosos/não-emocionais (CU).

Quadro 1

Estatísticas descritivas e ANOVAS para APSD-SR e suas dimensões

	Rapazes <i>M (DP)</i>	Raparigas <i>M (DP)</i>	Valor <i>t (308); p</i>
APSD-SR Total	15,15 (5,12)	13,84 (6,16)	-1,95; 0,056
APSD-SR I-CP	9,98 (4,45)	9,84 (5,22)	-0,24; 0,81
APSD-SR CU	5,18 (2,30)	4 (3,23)	-4,16; 0,001

Nota. APSD-SR = Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social versão auto-resposta; I-CP = dimensão Impulsividade-Problemas de Comportamento; CU = dimensão Traços calosos/não-emocionais.

Relativamente à ASRDS, à MCSDS-SF e ao ICS foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os rapazes e as raparigas na ASRDS e no ICS (ver Quadro 2).

Quadro 2

Estatísticas descritivas, ANOVAS e teste U para ASRDS, MCSDS-SF e ICS

	Rapazes	Raparigas	Valor*, p
ASRDS			
M (DP)	30,80 (13,56)	22,35 (10,94)	$t(213,60) = -5,78$, $p \leq 0,001$
MCSDS-SF			
M (DP)	17,96 (2,39)	18,30 (2,03)	$t(308) = 1,21$, $p = 0,22$
ICS			
MO (AI)	171,53 (3)	118,10 (2)	$U = 6612,50$, $p \leq 0,001$

Nota. ASRDS = Escala de Delinquência Auto-reportada Adaptada; MCSDS-SF = Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne versão curta; ICS = Índice de Gravidade de Crimes.

* t = teste t-Student ou U = teste de Mann-Whitney (Exact Sig 2-tailed); M = Média; DP = Desvio-padrão; MO = Média das ordens; AI = Amplitude Interquartilica.

No que diz respeito ao diagnóstico de Perturbação do Comportamento (PC) do DSM-IV-TR não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas (ver Quadro 3).

Quadro 3

Estatísticas descritivas e Qui-quadrado para Perturbação do Comportamento

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Sem PC	16 (7,4%)	14 (15,1%)	$\chi^2 = 4,39$ (1)
Com PC	201 (92,6%)	79 (84,9%)	$p = 0,057$
n	217 (100%)	93 (100%)	

Nota. PC = Perturbação do Comportamento.

* χ^2 = Teste de Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided).

Adicionalmente foram calculadas as correlações bivariadas do APSD-SR e suas dimensões com o diagnóstico de Perturbação do Comportamento (PC) do DSM-IV-TR (ver Quadro 4), tendo-se encontrado correlações estatisticamente significativas em todos os casos.

Quadro 4

Correlações bisseriais entre Perturbação do Comportamento e APSD-SR e suas dimensões

	r_{pb}	Valor p
APSD-SR Total	0,37	0,001
APSD-SR I-CP	0,34	0,001
APSD-SR CU	0,19	0,001

Nota. r_{pb} = Correlação bisserial por ponto; APSD-SR = Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social versão de auto-resposta; I-CP = dimensão Impulsividade-Problemas de Comportamento; CU = dimensão Traços calosos/não-emocionais.

Foram também calculadas as correlações bivariadas do APSD-SR Total e suas dimensões com a ASRDS (ver Quadro 5), tendo-se encontrado correlações estatisticamente significativas em todos os casos.

Quadro 5

Correlações entre ASRDS e APSD-SR e suas dimensões

		valor <i>p</i>
APSD-SR Total	0,53	0,001
APSD-SR I-CP	0,52	0,001
APSD-SR CU	0,21	0,001

Nota. *r* = Correlação de Pearson; APSD-SR = Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social versão de auto-resposta; I-CP = dimensão Impulsividade-Problemas de Comportamento; CU = dimensão Traços calosos/não-emocionais.

DISCUSSÃO

Os objetivos da presente investigação consistiram em examinar possíveis diferenças na prevalência de traços psicopáticos em adolescentes do sexo masculino e do sexo feminino institucionalizados em Centro Educativo, além de se pretender também examinar possíveis diferenças a nível de perturbação do comportamento, de comportamentos delituosos e de gravidade de crimes cometidos.

Foram encontradas diferenças os sexos na prevalência de traços psicopáticos na dimensão de Traços calosos/não-emocionais, com os rapazes a terem pontuações significativamente mais elevadas que as raparigas. Estes resultados não confirmam as hipóteses levantadas por Verona et al. (2010) quanto à homogeneização na prevalência de traços psicopáticos em adolescentes institucionalizados de ambos os sexos, ou de que existiriam manifestações potencialmente mais graves a nível de traços psicopáticos nas raparigas institucionalizadas quando comparadas com os rapazes institucionalizados. Podemos mesmo afirmar que os resultados apontam na direção oposta ao das hipóteses levantadas por Verona et al. (2010) dado que os rapazes demonstram também obter pontuações estatisticamente mais elevadas tanto a nível de frequência de comportamentos delituosos auto-relatados como de gravidade de crimes cometidos.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas relativamente à prevalência do diagnóstico de Perturbação do Comportamento do DSM-IV-TR (APA, 2000), apesar de terem sido encontrados níveis de prevalência bastante altos tanto para rapazes (92,6%) como para raparigas (84,9%) que são típicos de algumas amostras forenses (Sevecke & Kosson, 2010). As correlações entre o diagnóstico de Perturbação do Comportamento e o APSD-SR (pontuação total e dimensões) foram de baixas a moderadas, além de mais fracas que as encontradas por Frick, Barry e Bodin (2000). As correlações entre o ASRDS e o APSD-SR (pontuação total e dimensões) revelaram valores moderados altos, com exceção da dimensão Traços calosos/não-emocionais que revelou uma correlação moderada baixa.

Também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas relativamente ao constructo de desajustabilidade social, i.e., não se encontraram diferenças na forma como os

participantes se retratavam a si próprios em termos de exagerarem os seus aspetos positivos ou minimizarem os aspetos negativos.

Devemos apontar algumas limitações à nossa investigação. O grupo feminino ficou constituído por menos participantes relativamente ao grupo masculino devido a que as institucionalizações de raparigas em Centro Educativo continuam a ser relativamente pouco frequentes no contexto nacional. Outra limitação está relacionada com a baixa consistência interna de algumas escalas e dimensões utilizadas (e.g., APSD-SR CU; MCSDS-SF), recomendando-se que em investigações futuras se utilizem medidas destes constructos que apresentem melhor fiabilidade.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association (2000). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (4th edition, text revised). Washington, DC: APA.
- Ballard, R. (1992). Short forms of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Psychological Reports, 71*, 1155-1160. doi.org/10.2466/pr0.1992.71.3f.1155
- Campbell, M., Porter, S., & Santor, D. (2004). Psychopathic traits in adolescent offenders: An evaluation of criminal history, clinical and psychosocial correlates. *Behavioral Sciences and the Law, 22*, 23–47. doi.org/10.1002/bsl.572
- Caputo, A., Frick, P., & Brosky, S. (1999). Family violence and juvenile sex offending: The potential role of psychopathic traits and negative attitudes toward women. *Criminal Justice and Behavior, 26*, 338-356. doi.org/10.1177/0093854899026003004
- Carroll, A., Durkin, K., Houghton, S., & Hattie, J. (1996). An adaptation of Mak's self-reported delinquency scale for western Australian adolescents. *Australian Journal of Psychology, 48*, 1-7. doi.org/10.1080/00049539608259498
- Crowne, D., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology, 24*, 349-354. doi.org/10.1037/h0047358
- Dadds, M., Fraser, J., Frost, A., & Hawes, D. (2005). Disentangling the underlying dimensions of psychopathy and conduct problems in childhood: A community study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73*, 400-410. doi.org/10.1037/0022-006X.73.3.400
- Frick, P., & Hare, R. (2001). *Antisocial Process Screening Device (APSD): Technical manual*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Frick, P., O'Brien, B., Wootton, J., & McBurnett, K. (1994). Psychopathy and conduct problems in children. *Journal of Abnormal Psychology, 103*, 700–707. doi.org/10.1037/0021-843X.103.4.700
- Frick, P., Barry, C., & Bodin, S. (2000). Applying the concept of psychopathy to children: Implications for the assessment of antisocial youth. In C. Gacono (Ed.), *The clinical and forensic assessment of psychopathy: A practitioner's guide* (pp. 1-24). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Frick, P., Bodin, S., & Barry, C. (2000). Psychopathic traits and conduct problems in community and clinic-referred samples of children: Further development of the

- Psychopathy Screening Device. *Psychological Assessment*, 12, 382-393. doi.org/10.1037/1040-3590.12.4.382
- IBM SPSS (2011). *IBM SPSS Statistics Base 20*. Chicago, IL: SPSS Inc.
- Loeber, R., & Farrington, D. (2001). The significance of child delinquency. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Child delinquents: Development, intervention and service needs* (pp. 1-24). Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (5ª Ed.). Pero Pinheiro: ReportNumber.
- Marsee, M., Silverthorn, P., & Frick, P. (2005). The association of psychopathic traits with aggression and delinquency in non-referred boys and girls. *Behavioral Sciences and the Law*, 23, 803–817. doi.org/10.1002/bsl.662
- Muñoz, L., & Frick, P. (2007). The reliability, stability, and predictive utility of the self-report version of the Antisocial Process Screening Device. *Scandinavian Journal of Psychology*, 48, 299-312. doi.org/10.1111/j.1467-9450.2007.00560.x
- Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention. (1995). Introduction. In J. Howell (Ed.), *Guide for implementing the comprehensive strategy for serious, violent, and chronic juvenile offenders* (pp. 1-6). Washington, DC: U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs.
- Pardini, D., Lochman, J., & Frick, P. (2003). Callous/unemotional traits and social-cognitive processes in adjudicated youths. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 42, 364-371. doi.org/10.1097/00004583-200303000-00018
- Pechorro, P. (2011). *Delinquência juvenil: Estudo de algumas variáveis psicológicas e relacionais com ênfase nos traços psicopáticos*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
- Pechorro, P., Gonçalves, R., Marôco, J., Gama, A., Neves, S., & Nunes, C. (2012). Juvenile delinquency and psychopathic traits: An empirical study with Portuguese adolescents. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. [doi.10.1177/0306624X12465584](https://doi.org/10.1177/0306624X12465584)
- Pechorro, P., Marôco, J., Poiares, C., & Vieira, R. (2013). Validation of the Portuguese version of the Antisocial Process Screening Device Self-Report with a focus on delinquent behavior and behavior problems. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 57, 112–126. doi: 10.1177/0306624X11427174
- Pechorro, P., Vieira, R., Poiares, C., & Marôco, J. (2012). Contributos para a validação duma versão curta da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne com adolescentes portugueses. *Arquivos de Medicina*, 26, 11-17.
- Penney, S., & Moretti, M. (2007). The relation of psychopathy to concurrent aggression and antisocial behavior in high-risk adolescent girls and boys. *Behavioral Sciences and the Law*, 25, 21–41. doi.org/10.1002/bsl.715
- Rucevic, S. (2010). Psychopathic personality traits and delinquent and risky sexual behaviors in Croatian sample of non-referred boys and girls. *Law and Human Behavior*, 34, 379-391. doi:10.1007/s10979-009-9196-6
- Salekin, R., Leistico, A., Trobst, K., Schrum, C., & Lochman, J. (2005). Adolescent psychopathy and personality theory—the interpersonal circumplex: Expanding evidence

- of a nomological net. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33, 445–460. doi.org/10.1007/s10802-005-5726-Y
- Schrum, C., & Salekin, R. (2006). Psychopathy in adolescent female offenders: An item response theory analysis of the Psychopathy Checklist: Youth Version. *Behavioral Sciences and the Law*, 24, 39–63. doi.org/10.1002/bsl.679
- Seagrave, D., & Grisso, T. (2002). Adolescent development and the measurement of juvenile psychopathy. *Law and Human Behavior*, 26, 219–239. doi.org/10.1023/A:1014696110850
- Sevecke, K., & Kosson, D. (2010). Relationships of child and adolescent psychopathy to other forms of psychopathology. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 284-314). New York: Guilford Press.
- Verona, E., & Vitale, J. (2006). Psychopathy in women. In C. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 415-436). New York: The Guilford Press.
- Verona, E., Sadeh, N., & Javdani, S. (2010). The influences of gender and culture on child and adolescent psychopathy. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 317-342). New York: Guilford Press.
- White, J., Moffitt, T., Caspi, A., Jørgensen, D., Needles, D., & Stouthamer-Loeber, M. (1994). Measuring impulsivity and examining its relation to delinquency. *Journal of Abnormal Psychology*, 103, 192-205. doi.org/10.1037/0021-843X.103.2.192